

Relatório de viagem - Itajaí em 26 de maio de 2007

Diego Pacheco e Luis Carlos Elias

Situada à 90 km ao norte de Florianópolis encontra-se Itajaí. Uma das principais cidades do estado de Santa Catarina. No início do século XIX a região começou a se destacar devido ao seu porto, que serve para a entrada de imigrantes e depois servindo de ponto de entrada e saída de mercadorias para Santa Catarina. Além de auxiliar o Império a alcançar seus objetivos, colonização e proteção contra invasões de outros países, o fluxo marítimo foi desenvolvendo núcleo urbano, até que em 15 de junho de 1860 separa-se de Porto Belo e é estabelecida a Villa do Santíssimo Sacramento do Itajaí¹.

Esta localidade foi o destino de nossa viagem de estudos. Tivemos como objetivo visitar os importantes pontos históricos, ou melhor, locais que concentram um rico acervo de fontes. A idéia principal era conhecer, em Itajaí, os locais onde poderíamos encontrar recursos para pesquisas, identificar como os documentos são conservados e conhecer um pouco da história da região através da visitação de lugares importantes. Os pontos visitados foram:

- O Museu histórico;
- O Centro de Documentação e Memória Histórica;
- O Museu da Gente do Vale (em construção);
- Casa dos açores - Museu Etnográfico (localizado em Biguaçu).

Todos os locais foram apresentados por guias, que tinham por finalidade demonstrar o trabalho de resgate cultural da cidade e aproximar a comunidade com parte de sua história. Alguns recursos de marketing estão sendo aplicados para trazer a comunidade para dentro dos estabelecimentos, criar uma identidade histórica para os habitantes e solidificar uma identidade cultural para o povo de Itajaí e região.

Uma das técnicas utilizadas foi o resgate da história através de depoimentos de moradores mais antigos da cidade, colocados em paralelo a relatos de classes sociais diferentes. Por mais interessante que seja a tentativa, o ponto de vista que é salientado é o da elite. Ambos os depoimentos trazem à luz um cotidiano semelhante: detalhes de como eram os bailes, como se encontravam os casais de namorados ou onde eram os pontos importantes da cidade foram algumas das informações relatadas. As exposições partiam de pessoas

¹ <http://www.itajai.sc.gov.br>, acesso em junho de 2007.



diferentes na hierarquia social. Os depoimentos traziam sempre lembranças agradáveis de um mesmo contexto; não havia diferença entre a visão saudosista dos entrevistados. Esta lacuna é o ponto de análise deste relatório.

Esta falta de divergência entre os relatos não é tão estranha se colocada ao lado do projeto do Museu da Gente do Vale, um complexo cultural que está sendo construído na área rural de Itajaí. Segundo as palavras do guia, a criação deste novo Museu tem interesse em transformar o local em atração turística, transformando “retalhos” do passado em mercadoria. Localizado à margem de uma rodovia importante, a história da gente do vale deverá se tornar um atrativo a mais para os viajantes que por ali passarem. Hoje o turismo é uma das principais fontes geradoras de recurso e este investe na propagação de uma imagem européia do Vale, tanto que ele é conhecido como Vale Europeu. Desprezar o turismo como uma das forças definidoras de qualquer projeto público seria ingenuidade. Assim como se criou uma tradição em Blumenau, a Oktoberfest, Itajaí tenta criar um atrativo turístico em cima de sua história, modelando-a afim de que alguns aspectos fiquem obscurecidos por outros mais convenientes. Seguindo este princípio, a “homogeneidade” das entrevistas também atende um propósito e não é a diferença entre as classes sociais. Lembrar que a sociedade trata os indivíduos conforme a sua renda não atrai turistas.

A forma como estes centros culturais se estruturam produzem uma "história para gringo ver". O trabalho de coleta e manutenção de fontes históricas é muito importante e a forma como transformam o passado em mercadoria é algo quase impossível de fugir no mundo atual. Qualquer tentativa de manutenção de uma instituição que não vise a captação de capital pode significar o seu "suicídio". Contudo uma análise que despreze a ausência de divergência entre os relatos não cabe ao historiador. É função dos historiadores trazerem questionamentos, entender porque certos aspectos são favorecidos e outros desprezados, trazendo à tona visões de mundos diferentes.

